



GESTOS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DAS IMAGENS DA CATEDRAL DE CÁCERES (MT): MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TOMBAMENTO NACIONAL

Kellen Cristina Batista Pereira¹

O presente trabalho tem como objetivo compreender discursivamente a Catedral de São Luiz de Cáceres – Mato Grosso, tomada como patrimônio cultural e como acontecimento discursivo. A partir da perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, busca-se analisar como a Catedral produz e é produzida por significações que atravessam o sujeito, a cidade e a memória, observando os modos como diferentes materialidades — institucionais, religiosas, arquitetônicas, visuais e documentais — constituem sentidos sobre o patrimônio cultural no espaço urbano de Cáceres.

A pesquisa parte da compreensão de que a cidade se constitui como espaço simbólico e discursivo, conforme aponta Orlandi (2004, 2012), de modo que a Catedral opera como recorte privilegiado para analisar processos de significação e disputas de sentidos. Cáceres, localizada na microrregião do Alto Pantanal, apresenta uma formação histórica marcada por conflitos territoriais, circulação de riquezas e práticas religiosas, sendo reconhecida como “Portal do Pantanal” e “Princesinha do Paraguai”. Nesse cenário, o patrimônio urbano, especialmente o tombamento realizado pelo IPHAN em 2010, emerge como dispositivo de memória discursiva que reinscreve sentidos de preservação, identidade e pertencimento.

A investigação está ancorada nos estudos de Pêcheux (2009), para quem todo discurso é atravessado pela memória discursiva, e pelos princípios da opacidade da linguagem que convocam a interpretação. Nesse sentido, a Catedral é compreendida não apenas como construção arquitetônica, mas como materialidade discursiva estruturada por discursos religiosos, políticos e culturais que se entrecruzam historicamente. A partir de Orlandi (2012), compreende-se que os monumentos, assim como os textos, abrem-se à interpretação, deslocando sentidos e instaurando novos modos de significar a cidade.

O discurso institucional do IPHAN, ao tomba a Catedral, reinscreve o edifício em outro regime de interpretação, produzindo sentidos de patrimônio nacional que articulam a memória local à memória coletiva do país. Esse processo é atravessado por disputas simbólicas, como aponta Souza (2004), uma vez que o patrimônio seleciona o que deve ser lembrado e o que pode ser silenciado. Nessa direção, refletir sobre a Catedral implica problematizar os gestos de preservação enquanto práticas de produção de sentidos que instituem imagens da cidade e modos de relação com o passado.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamenta-se em um movimento teórico-analítico próprio da análise de discurso francesa, em que o corpus — constituído de documentos legais, registros do

¹ Mestre pela Universidade do Estado de Mato Grosso, pesquisadora do Projeto “Leitura Urbana e Ensino: modos de compreender a cidade e seu patrimônio”, vinculado à FAPEMT.



IPHAN, documentos religiosos, imagens, jornais e acervos históricos — é recortado a partir de um gesto de interpretação guiado pelo aparato teórico. A construção do corpus, como afirmam Pêcheux e Fuchs (1997), exige responsabilidade teórica e rigor metodológico, uma vez que a análise se realiza na tensão entre descrição e interpretação dos materiais simbólicos. A abordagem dialoga com áreas como Sociologia, História e Arquitetura, considerando que o estudo da Catedral exige compreender a produção social do espaço (Lefebvre, 2001) e as variações urbanas (Wirth, 1973), fundamentais para situar a edificação no contexto sócio-histórico de Cáceres-MT.

Erguida em 1919 por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a Catedral configura-se como marco da memória sócio-histórica e religiosa da cidade. A partir da noção de cidades dentro de cidades, proposta por Calvino (1990), a análise busca compreender como o tombamento de 2010 ressignifica a Catedral, inserindo-a em novos discursos que reorganizam o imaginário urbano. A partir das contribuições de Motta (2020), a pesquisa reconhece ainda o papel educativo do patrimônio, compreendendo a Catedral como texto a ser lido na escola e como catalisadora de práticas de leitura que articulam história, cultura e cidadania.



Fonte: Prefeitura de Cáceres

A imagem, que retrata competidores no Festival Internacional de Pesca Esportiva (FIPE) em Cáceres, Mato Grosso no ano de 2024 — um evento que celebra o Rio Paraguai e a cultura do Pantanal. A cena articula o imediato do evento (a prática da pesca) com a memória e a identidade histórica da cidade, representada pela Catedral São Luiz de Cáceres ao fundo.

A análise discursiva, conforme Orlandi (2009), não trata o discurso como mera transparência, mas como um efeito de sentidos produzido em uma dada formação discursiva. A imagem condensa dois espaços discursivos que se interceptam.

O discurso da modernidade/evento representado pela ação dos pescadores e pelas embarcações, o FIPE institui Cáceres como "Princesinha do Paraguai" e polo de turismo sustentável e esporte (conforme



ressaltado pela fonte externa, o evento é reconhecido mundialmente). Esse discurso é o do agora, da projeção econômica e midiática. A roupa padronizada (coletes verdes) e a concentração de barcos remetem a uma organização moderna e à produção de sentido de competição e lazer.

O discurso da memória/tradição, em que a Catedral São Luiz ao fundo, com sua arquitetura histórica e imponente, é um significante que remete à fundação da cidade, à fé e à permanência de uma identidade cultural e religiosa profunda. Ela é o arquivo da cidade, uma presença que resiste à fugacidade do evento.

A justaposição desses elementos cria um entre-meio discursivo. O evento de pesca, apesar de moderno e internacional, está enquadrado e ancorado pelo edifício histórico.

A Catedral São Luiz (inspirada no estilo neogótico e concluída após um longo processo em 1965) é um monumento que vai além de sua função religiosa. Segundo Souza (2002), a memória é um elemento-chave na construção da identidade cultural de um lugar. A Catedral funciona como um marco fundacional e simbólico, sua presença na paisagem não é acidental; ela demarca o centro histórico e espiritual da cidade. A longa e árdua história de sua construção (iniciada em 1919 e marcada por desafios, mas concluída pela dedicação, como a de Dom Máximo Biennés) carrega a resistência e a persistência do povo cacerense. É um discurso de origem gravado na pedra.

O ponto de ancoragem identitária em que a imagem a coloca no horizonte dos participantes do FIPE, sugerindo que o evento contemporâneo se desenrola sob o olhar da história. O sucesso do Festival de Pesca (discurso do desenvolvimento) se apoia, discursivamente, na solidez e no reconhecimento da história da cidade (discurso da permanência), da qual a Catedral é a materialização mais visível.

O diálogo no interdiscurso onde a catedral, enquanto formação discursiva religiosa e histórica, dialoga com a formação discursiva turística/esportiva do FIPE. O discurso da fé e da história (Catedral) legitima e confere profundidade ao discurso da festa e da visibilidade internacional (FIPE). Ela significa que a identidade de Cáceres é forjada não apenas no Rio Paraguai e no Pantanal, mas também em sua tradição e fé.

A Catedral, portanto, é um significante de totalidade para a população: a casa de Deus, o local de sepultamento de um bispo importante (Dom Máximo Biennés) e o símbolo arquitetônico que honra a cidade e o estado. Sua importância não se limita aos fiéis, mas se estende a todos como patrimônio cultural e testemunho material da trajetória de Cáceres, atuando como o ponto fixo na dinâmica efêmera de um evento anual como o FIPE.

Dessa forma, a imagem captura um momento de intensa produção de sentido (Orlandi 2012). O FIPE é um acontecimento que irrompe no cotidiano da cidade. Assim, o festival é um *fato* que mobiliza o espaço e o corpo social. Ele impõe um ritmo (competição), um vocabulário (pesca esportiva, sustentabilidade) e uma aparência (coletes, barcos). Este discurso é orientado para o exterior (turistas, mídia internacional), buscando projetar uma imagem de modernização e desenvolvimento.



A catedral passa a ser vista como arquivo e esquecimento, segundo Orlandi (2012), o esquecimento é constitutivo do discurso. Desse modo, a Catedral, embora visível, corre o risco de ser colocada em um "esquecimento n° 1" (o inconsciente), tornando-se um mero fundo paisagístico, uma "decoração" para o evento moderno.

No entanto, sua imponente resiste. Ela força uma interrupção no discurso da modernidade. Ao ser fotografada junto aos pescadores, ela é resgatada para o "esquecimento n° 2" (o político/histórico), onde é reconhecida como patrimônio e memória coletiva. A foto faz o trabalho de inscrição dessa memória no presente do festival.

Souza (2002) enfoca na relação entre cultura, memória e território. A imagem mostra o Rio Paraguai não apenas como palco do FIPE, mas como o eixo articulador do discurso de Cáceres. O rio é o *topos* (lugar comum, tema recorrente) na identidade cacerense. É o meio de vida (pesca tradicional), de transporte (histórico) e, agora, de lazer/competição (FIPE). Historicamente, a fundação de cidades no Brasil colonial e imperial estava ligada a rios e, simbolicamente, à Igreja. Dessa forma, a Catedral é a ancoragem terrestre e espiritual de uma comunidade que se desenvolveu na margem.

Assim, o festival utiliza a solidez da Catedral (símbolo da permanência histórica) e a vitalidade do Rio (símbolo da natureza pantaneira) para legitimar seu próprio discurso. O evento não é um corpo estranho; ele se inscreve e é autorizado pelo cenário histórico e geográfico que a catedral e o rio representam. A catedral garante que o FIPE está acontecendo em Cáceres, e não em qualquer outro lugar. Ela confere a singularidade histórica ao evento internacional.

Desse modo, ao compreender a Catedral de São Luiz de Cáceres como acontecimento discursivo, busco evidenciar como o discurso sobre o patrimônio histórico-cultural institui sentidos de pertencimento e identidade, articulando a memória local à memória nacional. Trata-se, portanto, de ler o espaço urbano como um texto que fala da cidade e de seus sujeitos, revelando os modos como a história é dita, preservada e reinterpretada no presente.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- MOTTA, Ana Luiza A. Rodrigues da. **O ambiente no discurso jurídico da política pública urbana no Estado de Mato Grosso**. Tese (Doutorado) – Campinas, 2009.
- MOTTA, Ana Luiza A. Planejamento urbano: a voz da cidade. In: MOTTA, Di Renzo; RODRIGUES, Ana Luiza A.; OLIVEIRA, Tânia Pitombo (org.). **Linguagem, História & Memória: discursos em movimento**. Campinas: Pontes, 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.



ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SOUZA, Tania Clemente de. **Memória, Cidade e Patrimônio**: Reflexões sobre a experiência urbana. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Livro de Tombo Histórico da Catedral de São Luiz de Cáceres**. Brasília: IPHAN, 2005.